

NOTA SÔBRE A HIERARQUIA DE PRESTÍGIO DAS OCUPAÇÕES, SEGUNDO UM GRUPO DE EMIGRANTES ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES NA CIDADE DE SÃO PAULO.

Por: Carlo Castaldi

Introdução

No seu artigo "Hierarquia de prestígio das ocupações, segundo os estudantes universitários", o Dr. Bertram Hutchinson apresentou e comentou os resultados do seu estudo sôbre a classificação social das ocupações, realizado entre os alunos das várias faculdades da Universidade de São Paulo (1).

Nessa amostra, aproximadamente 40% dos pais dos informantes pertenciam às classes profissionais e administrativas, tanto no funcionalismo, como no comércio e na indústria; pouco mais de um terço ocupava cargos superiores de supervisão e inspeção, 16%, graus inferiores dêsses mesmos emprêgos, e uns 8% exerciam ofícios manuais, especializados ou não. Esse inquérito preliminar, portanto, visou, sobretudo, a parte mais alta da escala social. A influência que possa ter exercido esse fator sôbre a classificação das ocupações segundo a categoria social, deve-se ainda acrescentar a influência de uma eventual transferência de tradições de prestígio profissional de outras comunidades para o Brasil, devida ao fato de serem 25% dos estudantes, filhos e netos de estrangeiros (2).

Tais considerações levaram-nos a aplicar o método usado pelo Dr. Bertram Hutchinson em sua pesquisa, ao estudo minucioso das relações entre a educação e o processo de mobilidade social, que realizávamos entre um grupo de imigrantes italianos, a fim de determinar: primeiro, se a formação social do grupo, em contraste nítido com a dos estudantes, podia alterar a ordem das ocupações por êstes indicada e, segundo, se de fato existe uma transferência de tradições de categorias profissionais por parte de um grupo de origem étnica não-brasileira.

Observações preliminares à apresentação dos resultados

As festas religiosas indicam, freqüentemente, a existência de grupos que prestam um culto particular a um santo por êles reconhecido como padroeiro, quer da sua profissão, quer de um povoado ou

região. Em São Paulo, por exemplo, celebra-se, no dia 15 de junho, a festa de São Vito Martir, padroeiro de Polignano a Mare, pequeno porto da região de Puglie, ao norte de Bari, na Itália. São Vito Martir tem, em São Paulo, no bairro do Brás, uma igreja própria, sita à rua Álvares de Azevedo, que faz parte do quadrilátero formado pelas ruas Santa Rosa, do Gasômetro, Monsenhor Andrade e Benjamin de Oliveira, onde ainda hoje se encontra grande parte dos mais antigos emigrantes de Polignano.

Já que nosso propósito era mais a comparação das duas hipóteses do que o levantamento de uma amostra, não nos preocupamos em fazer uma escolha randômica de nossos informantes, limitando-nos a entrevistar pessoas com quem já tínhamos estabelecido contactos anteriores e que, por sua vez, nos deram a possibilidade de travar novos conhecimentos.

Os entrevistados por nós escolhidos, num total de 250 homens, foram divididos em três grupos de idade: o primeiro, de 50 indivíduos de mais de sessenta anos, o segundo e o terceiro, respectivamente, de pessoas de 40 a 60 e de 18 a 40 anos. Mediante essa divisão em três grupos, esperávamos descobrir a importância da origem social na classificação das ocupações segundo o seu prestígio, e colher indícios sobre uma possível transferência para o Brasil de tradições de categorias profissionais. Com efeito, se na classificação das ocupações aparecessem variantes notáveis entre os três grupos, essas variantes poderiam ser atribuídas, quer à influência de melhores condições econômico-sociais, quer a uma eventual transferência, hipótese esta fortalecida pelo fato de que o grupo dos velhos já chegou ao Brasil em idade adulta, podendo, portanto, ter transferido para cá um sistema próprio de valores.

Todos os cidadãos de Polignano pertencentes ao primeiro grupo nasceram na Itália, enquanto 59% do segundo grupo e apenas 12% do terceiro são italianos de nascimento. Do grupo dos velhos, 77% vieram para o Brasil entre o fim do século passado e a primeira guerra mundial; ao aqui chegarem, tinham todos mais de 15 anos. No grupo intermediário, 51% dos que nasceram na Itália, ainda não tinham completado 13 anos quando aqui chegaram e são, em geral, filhos dos mais velhos do grupo precedente.

Embora seja difícil precisar a data da chegada dos

primeiros polignaneses, contam, os que aqui aportaram em 1895, que foram precedidos por alguns conterrâneos, constituindo um grupo reduzido e disperso. Nos anos subseqüentes, com o aumento da corrente emigratória italiana para o Brasil, aumentou também o número de polignaneses que vieram estabelecer-se em São Paulo. Os novos grupos compunham-se de homens adultos (em geral ligados entre si por vínculos de parentesco, de amizade e de compadrio), de mulheres e crianças (esposas e filhos de pessoas já emigradas) e de jovens (filhos menores de famílias numerosas que os enviavam à América, onde mais facilmente encontrariam trabalho). Chegando a São Paulo, os recém-vindos encontravam no Brás amigos e parentes a quem traziam notícias de Polignano e de quem recebiam os primeiros conselhos, no dialeto, mantido mais ou menos puro, da sua terra natal. Sua vinda fortalecia a solidariedade do grupo, porque tornava cada vez mais fácil a satisfação, em seu próprio meio, das relações sociais mais indispensáveis. Dois fatores, além disso, contribuíam para manter coesa a colônia: a política matrimonial de caráter andogâmico por eles fomentada e os ofícios exercidos pelos homens que não favoreciam a participação em novos sistemas de relações sociais. A tendência endogâmica do grupo, já observada anteriormente, é confirmada pelo resultado das entrevistas, se considerarmos que 76% dos entrevistados do terceiro grupo (18-40) têm ambos os progenitores polignaneses ou descendentes, do lado paterno e materno, de polignaneses. Quanto aos ofícios, embora, em sua maioria, êsses emigrantes trabalhassem na Itália em atividades atinentes à agricultura e à pesca, quase nenhum retornou à antiga ocupação, ao chegar ao Brasil, preferindo, em geral, estabelecer-se em São Paulo que, como centro urbano, oferecia maiores possibilidades de economizar rapidamente um pecúlio para voltar à pátria, pois a maioria dos emigrantes não viera com intenção de ficar.

Em São Paulo, os polignaneses desenvolveram sobretudo o lado comercial das atividades exercidas em sua pátria. De fato, o território de Polignano contém sobretudo olivedos, amendoeais e vinhedos, cujos produtos, como os da pesca, destinam-se aos mercados, onde são vendidos pelos próprios produtores. Muitos dos recém-chegados tornaram-se vendedores ambulantes de peixe, de verdura e de cereais; outros tornaram-se garrafeiros (uma inovação local) e muitos, sobretudo os mais jovens e os que não possuíam nenhum capital inicial, encontraram trabalho como jornaleiros. Essas ocupações,

com o correr do tempo, tornaram-se quase uma especialidade da colônia porque, com o aumento do número de polignaneses residentes em São Paulo, novos elementos eram constantemente instruídos pelos compatriotas mais antigos.

Examinando a lista das ocupações do grupo dos antigos (50 entrevistados) somente encontramos, ao lado das profissões "tradicionais", as de carpinteiro, marceneiro, condutor de bonde e um mestre de música. Essa limitação é confirmada pela lista das ocupações dos pais dos entrevistados pertencentes ao segundo grupo (100 entrevistas). O campo das ocupações amplia-se, porém, com o segundo grupo, que indica, ao lado dos ofícios tradicionais que a maioria continua a exercer, uma variação profissional maior, quer nos níveis sócio-econômicos mais altos, quer nos mais baixos. Tal fenômeno repete-se, ainda mais nitidamente, no grupo dos jovens, embora estes continuem muitas vezes as ocupações dos pais. Convém, entretanto, observar que, em geral, os ofícios tradicionais perderam o seu caráter ambulatório, transformando o vendedor ambulante em comerciante de cereais, verdura, fruta, peixe, ou em proprietário de bancas de jornais, muito rendosas.

A tendência endogâmica e o exercício da mesma profissão, que favorecem contactos cotidianos entre os membros dos três grupos, podem explicar a persistência do uso do dialeto como língua falada em casa. Esse uso é comum, não só no grupo dos antigos (78%) como também no segundo grupo (43%) e no dos jovens (49%). Essas porcentagens, aliás, não indicam o número de pessoas que "sabem falar" o dialeto, pois muitos, embora o conheçam, não têm ocasião de o falar em casa por pertencerem a uma família conjugal, ao contrário daqueles que, pertencendo a uma família consanguínea (3), falam o polignanense com os pais e os avós, de preferência ao italiano e ao português. Muitos dentre os jovens, por exemplo, exprimem-se com facilidade no dialeto, apesar de não saberem o italiano, ao passo que vários membros do segundo grupo, que frequentaram a escola italiana de São Paulo, falam o italiano melhor do que os pais, que, embora tenham nascido e crescido na Itália, sempre fizeram uso do dialeto e raramente da língua.

É, pois, à luz destas considerações que devemos analisar os resultados das entrevistas sobre a classificação social das ocupações, que passamos a expor.

Resultados das entrevistas

Para facilidade do leitor citamos a seguir a explicação do Dr. Bertam Hutchinson sobre o questionário usado para as entrevistas:

"Durante a entrevista cada um dos entrevistados recebia 30 fichas contendo cada qual o nome de uma ocupação. Essas fichas ele deveria catalogar em seis grupos, em ordem decrescente de posição social, correspondendo cada ocupação de cada um dos seis grupos a uma posição social equivalente. Isso feito, teria que classificar, em ordem de posição social, as ocupações de cada um dos seis grupos. Era-lhe especialmente recomendado que o que dele se esperava não era tanto seu critério pessoal, como o que ele julgava ser o critério das 'pessoas em geral'. Concluídos êsses dois processos, as 30 fichas de ocupação estavam classificadas em uma hierarquia única, sendo o nº 1 a posição social mais alta e o nº 30, a mais baixa". (4)

Passemos agora a expor as ordens obtidas nos três grupos.

No que concerne a classificação das 30 ocupações dos 100 entrevistados do terceiro grupo (18-40 anos), seis pessoas recusaram-se a completar a entrevista. O quadro I mostra a ordem das ocupações segundo o cálculo da opinião mediana de classificação de cada ocupação. Ao lado dessa coluna está indicado o desvio médio, calculado sobre a dispersão da opinião mediana.

QUADRO I

Ordem das ocupações segundo o cálculo da opinião mediana de classificação de cada ocupação e desvio médio calculado sobre a dispersão da opinião mediana, obtidos com o terceiro grupo (18-40 anos).

<u>Ocupação</u>	<u>Opinião Mediana</u>	<u>Desvio Médio</u>
Médico	1,00	0,61
Advogado	3,00	1,09
Padre	4,00	2,17
Diretor Superintendente de Companhia	5,00	1,41
Jornalista	5,00	1,89
Fazendeiro	6,00	2,34

(continua...)

(cont. do Quadro I)

<u>Ocupação</u>	<u>Opinião Mediana</u>	<u>Desvio Médio</u>
Gerente Comercial de Firma	7,00	1,65
Gerente de Fábrica	8,00	2,10
Contador	9,00	2,41
Professor Primário	9,00	2,38
Dono de Pequeno Estabelecimento Co- mercial	11,00	2,37
Funcionário Público de Padrão Médio	13,00	2,72
Despachante	14,00	2,00
Viajante Comercial	14,50	2,26
Empreiteiro	15,00	2,93
Escriturário	15,00	2,84
Mecânico	18,00	2,58
Sitiante	18,00	4,27
Guarda Civil	19,50	3,00
Cozinheiro (restaurante de 1ª classe)	20,50	3,96
Carpinteiro	21,00	2,59
Balconista	22,00	2,78
Motorista	22,00	2,91
Tratorista (agricultura)	23,00	2,47
Condutor de Trens	23,00	2,46
Pedreiro	26,00	1,84
Trabalhador Agrícola	26,00	2,46
Garçon	26,00	2,17
Estivador	29,00	0,93
Lixeiro	30,00	0,38

No caso das duas posições extremas (médico e lixeiro), a dispersão é mínima, resultado este que concorda com o do Dr. Hutchinson. Mas, enquanto ele nota que a dispersão tende a aumentar "na proporção direta em que baixa a posição ocupacional" (5), no nosso caso tal não parece acontecer. Correlacionando, através da fórmula Spearman, as duas ordens, isto é, a que se baseia na opinião mediana e a que se baseia no desvio médio, temos como resultado um valor rho de 0,27, que representa um grau muito baixo de correlação.

O quadro 2 apresenta os resultados obtidos com o segundo grupo, baseados em 68 dos 100 indivíduos entrevistados. Entre

as 32 pessoas que não concluíram a entrevista estão incluídos tanto os que se recusaram a completá-la como os que, sendo anal-fabetos, não puderam classificar as ocupações da maneira estabelecida. A ordem que se obtém, na base da opinião mediana de cada ocupação, é a seguinte:

QUADRO II

Ordem das ocupações segundo o cálculo da opinião mediana de classificação de cada ocupação e desvio médio calculado sobre a dispersão da opinião mediana, obtidos com o segundo grupo (41-60 anos).

<u>Ocupação</u>	<u>Opinião Mediana</u>	<u>Desvio Médio</u>
Médico	2,0	0,85
Advogado	3,0	1,35
Padre	3,0	1,95
Jornalista	4,0	1,62
Fazendeiro	5,0	1,97
Diretor Superintendente de Companhia	5,0	1,29
Gerente Comercial de Firma	7,0	1,29
Gerente de Fábrica	8,0	1,45
Contador	9,0	1,82
Professor Primário	9,0	2,76
Despachante	12,5	2,06
Viajante Comercial	13,0	1,59
Funcionário Público de Padrão Médio	13,0	2,25
Dono de Pequeno Estabelecimento Comercial	13,0	2,85
Empreiteiro	15,0	2,95
Escriturário	16,0	2,60
Sitiante	17,0	3,48
Mecânico	19,0	1,98
Cozinheiro (restaurante de 1ª classe)	19,5	4,00
Guarda Civil	21,0	3,25
Carpinteiro	21,5	1,98
Balconista	22,0	2,94
Condutor de Trens	22,5	2,80
Motorista	22,5	2,98
Pedreiro	24,0	2,26
Tratorista (agricultura)	24,0	1,93
Trabalhador Agrícola	26,0	2,18
Garçon	28,0	1,78
Estivador	29,0	0,94
Lixeiro	30,0	0,51

Também neste grupo o desvio médio é mínimo no caso das posições extremas, e baixo o grau de correlação entre a opinião mediana e o desvio médio ($\rho = 0,28$).

O quadro 3 apresenta os resultados relativos ao primeiro grupo. Das 50 pessoas entrevistadas, somente 12 puderam completar a entrevista. Os demais entrevistados (38) eram, em sua maioria, analfabetos. Em todos os casos julgamos interessante elaborar os resultados, como o fizemos com os outros dois grupos. A ordem obtida é a seguinte:

QUADRO III

Ordem das ocupações segundo o cálculo da opinião mediana de classificação de cada ocupação e desvio médio calculado sobre a dispersão da opinião mediana, obtidos com o primeiro grupo (mais de 60 anos).

<u>Ocupação</u>	<u>Opinião Mediana</u>	<u>Desvio Médio</u>
Médico	2,0	0,67
Advogado	3,0	1,50
Diretor Superintendente de Companhia	3,5	1,92
Padre	4,0	2,50
Fazendeiro	4,5	1,42
Gerente Comercial de Firma	6,0	1,58
Jornalista	6,5	3,33
Gerente de Fábrica	7,0	1,25
Contador	9,5	2,08
Professor Primário	10,0	1,50
Despachante	12,0	3,08
Dono de Pequeno Estabelecimento Comercial	12,5	2,33
Escriturário	14,0	2,00
Viajante Comercial	14,5	2,75
Sititante	14,5	3,25
Empreiteiro	16,0	4,08
Funcionário Público de Padrão Médio	16,5	3,00
Mecânico	19,0	1,58
Condutor de Trens	20,0	1,75
Cozinheiro (restaurante de 1ª classe)	21,0	4,25

(continua...)

(cont. do Quadro III)

<u>Ocupação</u>	<u>Opinião Mediana</u>	<u>Desvio Medio</u>
Carpinteiro	21,5	2,08
Motorista	21,5	2,00
Tratorista (agricultura)	23,0	2,67
Guarda Civil	24,5	2,29
Pedreiro	24,5	3,25
Balconista	27,5	2,75
Trabalhador Agrícola	27,5	1,58
Garçon	27,5	1,83
Estivador	27,5	1,25
Lixeiro	30,0	0,67

Neste caso, igualmente, a dispersão é mínima nas duas posições extremas, e baixo o grau de correlação entre a ordem da opinião mediana e do desvio médio ($\rho = 0,13$).

Lendo-se a ordem da opinião mediana elaborada pelos três grupos, pode parecer que haja entre eles diferenças notáveis, mas, estabelecendo-se a correlação, sempre mediante a fórmula Spearman, entre a ordem indicada pelo segundo e a indicada pelo primeiro, obtém-se o alto grau de, respectivamente, 0,99 e 0,97.

Não só não parece haver diferença entre os três grupos na maneira de classificar as 30 ocupações de acordo com o prestígio social, como tais diferenças nem sequer se verificam em relação a um grupo de formação tão diversa como o dos estudantes. De fato, relacionando-se, pela fórmula Spearman, a ordem da opinião mediana do terceiro grupo com a ordem elaborada pela amostra do Dr. Bertram Hutchinson, obtém-se o índice de correlação 0,91.

O alto grau de correlação obtido entre os quatro grupos parece negar a hipótese segundo a qual a formação social, - em franco contraste com a dos estudantes, - altera a classificação das ocupações, conforme a categoria social indicada por estes. Além disso, o alto grau de correlação entre as quatro ordens parece também negar a possível transferência de tradições de prestígio profissional. Efetivamente, não se verificam alterações na ordem indicada pelos três grupos de idade que deveriam corresponder a fases diversas de um processo de assimilação, nem entre a

ordem dada por êsses grupos e a indicada pelos estudantes. O que pode indicar, quer um rápido processo de assimilação, sobretudo por parte do grupo dos velhos ou, hipótese a nosso ver mais provável, uma coincidência entre o sistema de valores próprio da estrutura social originária dêste grupo e aquêles formulados pela sociedade local.

A classificação em seis categorias (6)

Passemos agora a examinar a classificação das ocupações em seis categorias, que o entrevistado devia efetuar antes de classificá-las em ordem descendente segundo o prestígio social. Os quadros seguintes, 4 e 5, resumem os resultados das entrevistas com 94 pessoas do terceiro grupo e 68 pessoas do segundo grupo. (7)

QUADRO IV

Distribuição (em porcentagem) das ocupações em seis categorias. Terceiro grupo (18-40 anos).

Classificação a priori	Ocupação	Categorias					
		A	B	C	D	E	F
A	Médico	98	2	-	-	-	-
A	Advogado	87	13	-	-	-	-
B	Padre	65	22	12	1	-	-
A	Diretor Supte. de Cia.	57	38	5	-	-	-
B	Jornalista	50	43	7	-	-	-
A	Fazendeiro	45	42	11	2	-	-
B	Gerente Comercial de Firma	25	55	19	1	-	-
B	Gerente de Fábrica	15	56	28	1	-	-
B	Contador	16	50	28	5	1	-
C	Professor Primário	19	42	33	4	2	-

(continua ...)

(cont. do Quadro IV)

<u>Classificação</u> <u>a Priori</u>	<u>Ocupação</u>	<u>Categorias</u>					
		<u>A</u>	<u>B</u>	<u>C</u>	<u>D</u>	<u>E</u>	<u>F</u>
C	Dono de Pequeno Est. Comercial	2	37	49	10	2	-
C	Funcionário Público	1	27	44	22	4	2
C	Despachante	1	20	56	21	2	-
C	Viajante Comercial	-	14	50	31	5	-
E	Escriturário	-	12	44	26	17	1
D	Empreiteiro	-	12	41	34	11	2
D	Sitiante	-	3	32	33	24	8
E	Mecânico	-	-	25	37	32	6
E	Guarda Civil	-	1	12	39	36	12
D	Cozinheiro (reste. 1ª classe)	-	2	19	32	32	15
E	Carpinteiro	-	-	8	34	42	16
E	Balconista	-	-	9	30	48	13
E	Motorista	-	-	7	21	48	24
E	Tratorista (agricultura)	-	-	4	27	46	23
E	Condutor de Trens	-	-	7	21	47	25
F	Trabalhador Agrícola	-	-	-	16	39	45
F	Pedreiro	-	-	1	11	25	63
F	Garçon	-	-	-	12	45	43
F	Estivador	-	-	-	1	10	89
F	Lixeiro	-	-	-	-	3	97

QUADRO VDistribuição (em porcentagem) das ocupações em seis categorias.Segundo grupo (41- 60 anos).

<u>Classi- ficação a prio- ri</u>	<u>Ocupação</u>	<u>Categorias</u>					
		<u>A</u>	<u>B</u>	<u>C</u>	<u>D</u>	<u>E</u>	<u>F</u>
A	Médico	96	4	-	-	-	-
A	Advogado	83	16	1	-	-	-
B	Padre	76	18	6	-	-	-
B	Jornalista	66	30	4	-	-	-
A	Diretor Supte. de Companhia	54	43	3	-	-	-
A	Fazendeiro	54	40	6	-	-	-
B	Gerente Com. de Firma	24	62	13	1	-	-
B	Gerente de Fábrica	15	65	17	3	-	-
B	Contador	18	35	43	-	-	-
C	Professor Primário	18	43	32	7	-	-
C	Despachante	25	52	22	1	-	-
C	Viajante Comercial	18	57	22	3	-	-
C	Funcionário Público	-	15	55	25	4	-
C	Dono de Pequeno Est. Com.	-	32	43	19	6	-
D	Empreiteiro	-	15	38	32	12	3
E	Escriturário	-	10	44	24	21	1
D	Sitiente	-	6	25	35	21	13
E	Mecânico	-	-	15	40	41	4
D	Cozinheiro (reste. 1ª classe)	-	6	19	25	29	21
E	Guarda Civil	-	-	4	24	53	19
E	Carpinteiro	-	-	1	31	47	21
E	Balconista	-	-	4	25	53	18
E	Condutor de Trens	-	-	4	22	50	24
E	Motorista	-	-	4	16	47	33
F	Pedreiro	-	-	1	13	49	37
E	Tratorista (agricultura)	-	-	1	18	50	31
F	Trabalhador Agrícola	-	-	-	1	40	59
F	Garçon	-	-	-	4	25	71
F	Estivador	-	-	-	-	12	88
F	Lixeiro	-	-	-	-	-	100

Em ambos os grupos, como era de prever, verifica-se maior unanimidade nos extremos da escala. O segundo grupo parece mais seguro na medida da concordância; de fato, mais de 83% dos entrevistados concordaram em relação a quatro ocupações (médico, advogado, estivador e lixeiro), de 62% a 76% concordaram em relação a cinco (padre, jornalista, gerente comercial, gerente de fábrica e garçon) e de 50 a 59% concordaram em relação a dez (diretor superintendente, guarda civil, balconista, condutor de trens, tratorista e trabalhador agrícola). De 40 a 49% dos entrevistados concordaram em relação a oito ocupações (contador, professor primário, dono de pequeno estabelecimento comercial, escriturário, mecânico, carpinteiro, motorista, pedreiro) e menos de 40%, em relação às três restantes (cozinheiro, sitiante, empreiteiro).

A medida de concordância, por outro lado, parece ser menor no grupo dos jovens. Mais de 87% estão de acordo sobre quatro ocupações (médico, advogado, estivador e lixeiro), de 63 a 65%, somente sobre duas ocupações (padre e pedreiro), de 50 a 57%, sobre sete (diretor superintendente, jornalista, gerente comercial, gerente de fábrica, condutor de trens, despachante e viajante comercial); de 41 a 49% sobre treze (fazendeiro, professor primário, dono de pequeno estabelecimento comercial, funcionário público, escriturário, empreiteiro, carpinteiro, balconista, tratorista, condutor de trens, trabalhador agrícola e garçon); sobre as quatro ocupações restantes (cozinheiro, guarda, mecânico e sitiante) somente um terço dos entrevistados está de acordo.

Outras diferenças dignas de nota são as seguintes: enquanto as ocupações das categorias A e B coincidem nos dois grupos, varia a distribuição das ocupações nas categorias C, D e E. A categoria E, em particular, inclui no grupo médio nove ocupações, em contraste com as cinco incluídas pelo terceiro grupo. Este baixou, de fato, o limite C - D para incluir em C duas ocupações (empreiteiro e escriturário) que o segundo grupo colocou em D; além disso, baixou a linha D - E para incluir na categoria D as primeiras três ocupações (mecânico, cozinheiro, guarda civil) que o segundo grupo colocara na categoria E. O terceiro grupo, ao contrário do segundo, baixa apenas uma ocupação, a da linha E para a F.

Comparando a ordem elaborada pelo terceiro grupo com a indicada pelos estudantes, do estudo do Dr. Hutchinson, notamos que empreiteiro passa à categoria C; cozinheiro para a D, a qual, no nosso caso, inclui as duas primeiras ocupações (guarda civil e mecânico) colocadas pelos estudantes na categoria E. No que se refere ao agrupamento em categorias, os estudantes parecem estar mais de acôrdo com o segundo grupo. De fato, a categoria E dos estudantes inclui 8 ocupações que também foram incluídas nessa categoria pelo segundo grupo (na classificação dos estudantes, somente o pedreiro pertence à categoria F), enquanto o terceiro grupo colocou apenas cinco ocupações na categoria E. Nota-se, pois, no terceiro grupo, uma tendência que poderíamos definir como valorização das ocupações das categorias médio-baixas, provavelmente por se tratar de ocupações por êles exercidas e com as quais têm em geral, maior familiaridade do que os estudantes (8).

Além disso, como observou o Dr. Hutchinson, pode ser que essas indecisões se devam ao fato de ter sido considerada um tanto artificial a divisão em seis categorias, o que acarretou respostas mais ou menos arbitrárias, uma vez que também os nossos informantes, quando solicitados a dividir a população de São Paulo em classes sociais, dividiram-na, em sua maioria, em três classes: alta, média e baixa.

À pergunta sôbre qual a classe social a que julgavam pertencer, respectivamente 66%, 76% e 87% dos entrevistados (primeiro, segundo e terceiro grupo) responderam: à "classe média". Ora, considerando que a maioria dos indivíduos por nós escolhidos continua a exercer as profissões "tradicionais", a mobilidade social do grupo, como já tivemos ocasião de observar no curso de nossa pesquisa, não se baseia tanto na mudança de ocupação quanto na mudança de situação econômica dos indivíduos que a exercem. Podemos, pois, indagar se o êxito econômico, obtido independentemente de preparo educacional, levou a uma desvalorização da própria educação. Que tal não ocorreu, prova-o a resposta à pergunta sôbre qual a característica mais importante das ocupações de maior prestígio social; 50% dos representantes do primeiro grupo responderam: "a educação"; a mesma resposta foi dada pelos 45% dos membros do segundo grupo e pelos 53% do ter-

ceiro, enquanto apenas 1%, 2% e 6%, respectivamente, dos três primeiros grupos responderam que a característica essencial era a posição econômica do indivíduo. Inversamente, a falta de preparo educacional foi dada como a característica principal das ocupações de menor prestígio social por 54% das pessoas do primeiro grupo, 49% do segundo e 68% do terceiro, enquanto apenas 3%, 6% e 5% indicaram o baixo nível econômico como a razão da inferioridade dessas ocupações. Nos outros casos, a instrução, ou a sua falta, como característica predominante, está ligada a fatores como a inteligência, a utilidade da profissão exercida, etc. Tão pouco, neste caso, parece que o êxito econômico tenha minado o prestígio da educação. Talvez seja justamente a nova posição social, adquirida através da ascensão econômica, que torne desejáveis, aos olhos dos membros do grupo, tais ocupações consideradas de prestígio, e que podem ser atingidas pela educação, pois, uma vez obtidas, confirmariam, ou, por assim dizer, encerrariam, o seu processo de ascensão social.

Conclusões

O estudo, pois, da classificação social das ocupações apresenta uma grande semelhança com os resultados obtidos pelo Dr. Bertram Hutchinson, apesar da diferença de formação social entre os grupos estudados. Além disso, a análise dos resultados obtidos sugeriu a possibilidade de uma coincidência entre o sistema de valores dos emigrantes e o da sociedade que os acolheu e a possibilidade de que o êxito econômico revele uma tendência a procurar uma confirmação social na obtenção de ocupações consideradas de prestígio, capazes de serem conquistadas através da educação.

Estas notas serão levadas em consideração na próxima fase da pesquisa sobre as determinantes do prestígio social que serão estudadas no grupo que selecionamos.

NOTAS

1. Boletim nº 2, pág. 29
2. Devemos estas informações (e a hipótese relativa à possível transferência, para o Brasil, de tradições de prestígio profissional de outras comunidades) à cortesia do dr.

Hutchinson, que nos permitiu acesso ao manuscrito de um artigo em vias de elaboração, para publicação num dos próximos números deste Boletim.

3. Para a definição de "família conjugal" e "família con-sangüínea" ver R. Linton, The Study of Man, Appleton-century, New York, 1936, passim.
4. Bertram Hutchinson, art. cit., Boletim n. 2, pg. 30.
5. " " " " " " " " 35
6. Os confrontos e as referências aos resultados obtidos pelo dr. Hutchinson, quando não esclarecidos por notas, baseiam-se em material ainda inédito (v. nota 2).
7. Com o grupo dos antigos, dada a alta porcentagem de analfabetos, não foi possível fazer a classificação em seis categorias pelo mesmo método usado com os dois outros grupos. Como os entrevistados não podiam empregar fichas, decidiu-se pedir a cada um que dividisse as ocupações, à medida em que eram lidas pelo entrevistador, em apenas três categorias; o entrevistador tinha o cuidado de ler primeiro uma ocupação de nível sócio-econômico alto, depois, uma de nível baixo e, por fim, uma de nível médio. Para este grupo, portanto, a categoria alta corresponde às duas primeiras categorias A e B, a média, às C e D e a baixa, às E e F. Por conseguinte, achamos que as diferenças observadas entre a classificação deste grupo e a dos dois outros não podem ser levadas em conta como termos de comparação, pelo fato de serem quase certamente atribuíveis à diversidade do método usado, as alterações observadas.
8. Bertram Hutchinson, art. cit. Boletim n.2, pg. 35.